



PONTO A PONTO

• ECONOMIA

A prévia da inflação acelerou para 0,70% em setembro de 2026, após registrar deflação de 0,40% em agosto. No acumulado do ano, o índice registra alta de 3,82%, enquanto em 12 meses a variação chegou a 4,47%, acima dos 4,24% registrados no período anterior. A principal pressão veio do grupo Habitação, que subiu 2,07%, com a energia elétrica residencial avançando 7,42% e respondendo sozinha por 0,29 ponto percentual do índice, segundo o IPCA-15 do IBGE.

• ORÇAMENTO

A parcela das emendas parlamentares destinada a investimentos caiu de 85% em 2015 para 31,2% em 2026, enquanto a fatia destinada à manutenção de programas, custeio e outras despesas subiu de 15% para 68,8%. Os dados do Siop mostram uma mudança no perfil das emendas, com maior concentração em despesas correntes, como materiais de consumo, serviços e manutenção. Na área da Saúde, a parcela destinada a investimentos caiu de 76,1% para 5,5% no mesmo período, segundo estudo da Consultoria de Orçamento da Câmara.

• ELEIÇÕES 2026

Dos 513 deputados federais em exercício, 437 disputarão a reeleição em 2026, o equivalente a 85,19% da atual composição da Câmara, contra 448 que buscaram novo mandato em 2022. Ao mesmo tempo, 42 deputados concorrerão ao Senado, ante 21 na eleição anterior, enquanto 11 disputarão vagas nas assembleias legislativas, contra 6 em 2022. Outros 5 disputarão governos estaduais, 1 a vice-presidência, 1 a vice-governadoria e 3 a primeira suplência de senador, enquanto 13 não concorrerão a nenhum cargo eletivo.

• ECONOMIA

Pelo menos 42 empresas ou grupos empresariais estrangeiros deixaram o Brasil nos últimos 11 anos e meio, entre maio de 2015 e setembro de 2026. Os Estados Unidos lideraram as saídas, com 15 empresas, seguidos por Reino Unido (6), Japão (4), Alemanha (3) e França (3). No período, 17 das saídas ocorreram durante a pandemia da Covid-19, enquanto outras empresas citaram reestruturações globais, revisões de portfólio, mudanças de estratégia, concorrência, custos de importação, carga tributária e condições da economia brasileira, segundo levantamento do Poder360.

Ranking lança agregador de pesquisas para presidente



O Ranking dos Políticos lançou um agregador interativo que reúne, em uma única página, todas as pesquisas nacionais para presidente registradas no TSE em 2026. A ferramenta consolida os levantamentos de doze institutos, BTG/Nexus, Quaest, Datafolha, AtlasIntel, PoderData, CNT/MDA, Futura, Real Time Big Data, Vox Brasil, Gerp, Meio/Ideia e Palver, em um único número por candidato, evitando que o eleitor precise acompanhar dezenas de pesquisas isoladas e muitas vezes contraditórias para entender o estado real da corrida.

A metodologia adotada usa média ponderada com dois critérios centrais. Cada instituto entra no cálculo apenas com sua pesquisa mais recente, dentro de uma janela de quatorze dias, o que impede que institutos com maior frequência de publicação distorçam o agregado por volume. O peso de cada pesquisa também decai pela metade a cada sete dias após a coleta, de forma que dados mais antigos perdem influência progressivamente, e cresce proporcionalmente ao tamanho da amostra, dando mais peso a levantamentos mais robustos estatisticamente. Os brancos, nulos e indecisos são excluídos do cálculo, e o resultado reflete apenas votos válidos.

O número que o agregador produz hoje mostra Lula com 40,4% e Flávio Bolsonaro com 36,3%, uma diferença de 4,1 pontos. O dado é relevante por dois motivos que se complementam. Primeiro, confirma que nenhum dos dois candidatos está perto do patamar de 50% dos votos válidos necessário para vencer no primeiro turno, o que praticamente garante segundo turno entre os dois em 4 de outubro. Segundo, a vantagem de Lula, embora consistente entre praticamente todos os institutos agregados, permanece dentro da margem de erro típica desses levantamentos, o que significa que a corrida segue estatisticamente indefinida apesar da percepção de favoritismo petista que domina a cobertura política.

O valor analítico do agregador está justamente em neutralizar o ruído das pesquisas isoladas, que nas últimas semanas oscilaram entre cenários de empate técnico e vantagens de até sete pontos para um dos lados, a depender do instituto e da data de coleta. Ao ponderar por recência e amostra, a ferramenta reduz o peso de outliers metodológicos e de pesquisas patrocinadas por campanhas específicas, oferecendo um retrato mais estável da tendência real do eleitorado. A iniciativa se soma ao papel que o Ranking dos Políticos já exerce como referência de dados eleitorais, com a ressalva expressa no próprio texto de que o agregador não constitui uma pesquisa própria da organização, apenas uma ferramenta de consolidação de dados públicos já registrados no TSE.

[Confira aqui e confira!](#)

Lula concentra a semana final da campanha no Norte, no Nordeste e em MG antes de fechar em SP



Lula em evento na Uerj (Foto: Ricardo Stuckert/Instituto Lula)

Lula fechou a semana que passou concentrado no eixo Rio, Nordeste e São Paulo, com evento cultural na Fundação Progresso, caminhada em São Gonçalo, comício em Maceió, passagem por Recife e, nesta sexta-feira, 25 de setembro, a assinatura da MP das bets seguida de jantar com banqueiros e empresários em São Paulo. Esse ciclo se encerra neste fim de semana, com caminhada na zona leste e comício na zona sul da capital paulista no sábado, 26, e entrevista em Brasília no domingo, 27, antes de a campanha entrar na fase mais decisiva, a última semana antes do primeiro turno de 4 de outubro.

Na segunda-feira, 28 de setembro, Lula viaja para Manaus e Belém, numa parada que a própria campanha vinha adiando havia semanas. Depois de visitar nove estados no primeiro mês de campanha sem incluir nenhum da região Norte, priorizando Sudeste e Nordeste, o presidente reserva justamente os últimos dias para o Norte, o que os próprios organizadores tratam como decisão tática de concentrar recursos nas regiões de maior peso eleitoral e deixar o Norte para o momento em que a atenção do noticiário já está mais voltada para a reta final. Em Manaus, o ato pela manhã deve reunir os senadores Omar

Aziz (PSD-AM) e Eduardo Braga (MDB-AM), enquanto em Belém, à tarde, a agenda reforça a governadora Hana Ghassan e candidatos ao Senado.

Na terça-feira, 29, a campanha retorna ao Nordeste para o que a própria equipe descreve como a última rodada de viagens presidenciais pela região antes da votação, com passagem por Fortaleza e uma combinação de atos na Bahia, em Feira de Santana, cidade escolhida por funcionar como polo econômico e logístico que conecta o interior baiano a outras praças do Nordeste, com acesso às BRs 116, 101 e 324 para facilitar caravanas de municípios vizinhos, e em Salvador, no circuito Barra-Ondina. A comitiva baiana deve reunir o governador Jerônimo Rodrigues (PT) e os candidatos ao Senado Jaques Wagner (PT-BA) e Rui Costa (PT), além de prefeitos e lideranças locais.

Quarta e quinta-feira, 30 de setembro e 1º de outubro, ficam reservadas na agenda para a possibilidade de um novo debate presidencial, o que sugere uma pausa deliberada na maratona de viagens caso essa janela realmente se confirme. A campanha volta à estrada na sexta-feira, 2 de outubro, com caminhadas em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, dois estados de grande peso eleitoral, e fecha a semana em São Paulo, com caminhada no sábado, 3 de outubro, véspera da votação. No domingo, 4 de outubro, Lula vota em São Bernardo do Campo e permanece em São Paulo para acompanhar a apuração do resultado do primeiro turno, escolha que reforça o status do estado como o centro simbólico e estratégico do fechamento da campanha.

A lógica geográfica da última semana é a de um giro nacional que tenta tocar, em sequência, todas as regiões que ainda podem entregar votos decisivos, o Norte represado desde o início da campanha, o Nordeste tradicional do PT, o eixo Minas e Rio de peso eleitoral consolidado e, por fim, São Paulo, onde a disputa segue mais equilibrada e onde a campanha decidiu ancorar tanto o encerramento quanto a noite de apuração.

Flávio Bolsonaro aposta tudo em São Paulo para consolidar crescimento



Flávio Bolsonaro, candidato à Presidência da República (Foto: Guilherme Caetano)

Flávio Bolsonaro concentra a semana final quase inteiramente em São Paulo, maior colégio eleitoral do país e também palco do empate técnico mais citado pelas pesquisas estaduais. A agenda paulista inclui presença no rodeio de Jaguariúna, em 25 de setembro, ao lado do governador Tarcísio de Freitas, caminhada pelo Brás, visita ao Mercado Municipal e ato na Praça do Triunfo, com o prefeito Ricardo Nunes, em 28 de setembro, e uma motociatada marcada para 3 de outubro, véspera da votação, como último grande ato de rua antes das urnas.

A escolha por concentrar o esforço final em São Paulo reflete tanto o peso eleitoral do estado quanto a necessidade de blindar a base construída em torno de Tarcísio e Nunes, evitando qualquer fuga de votos para Cury na capital, onde o fenômeno digital do escritor mais cresceu. A presença constante ao lado de Tarcísio busca também transferir ao candidato presidencial parte da avaliação positiva do governador, enquanto a motociatada de 3 de outubro repete o formato de mobilização que a campanha já usou com sucesso em outras etapas do ano eleitoral.

Ao mesmo tempo, a campanha de Flávio monitora de perto os efeitos colaterais da semana, o episódio do voo no jato ligado a um sócio de Vorcaro, que ge-

rou pedido de apuração no STF, e a tentativa do PT de associar o senador ao mesmo ex-banqueiro que também aparece nas mensagens envolvendo Lula e Walfrido Warde. A resposta oficial de Flávio minimizou o episódio como uma simples carona sem custo, busca conter o desgaste antes que ele se transforme em tema de debate na reta final, embora a coincidência de datas entre o voo e o financiamento do filme "Dark Horse" mantenha a história com potencial de continuar rendendo desdobramentos.

Com as pesquisas mais recentes girando em torno do empate técnico, ora com Lula à frente, ora com Flávio, a campanha trata cada dia em São Paulo como decisivo para consolidar a virada que aparece hoje em parte, mas não na totalidade, dos institutos. A estratégia é territorial e concentrada, ao contrário da pulverização nacional adotada por Lula, uma aposta de que vencer com folga no maior colégio eleitoral do país compensa uma presença menor nas demais regiões nos últimos dias de campanha.

Caiado reduz a ambição nacional e recua para defender Goiás



Gilberto Kassab, presidente do PSD e Ronaldo Caiado, candidato à Presidência da República (Foto: Divulgação/PSD)

Diante de pesquisas que o colocam entre 1,4% e 5% das intenções de voto, muito atrás dos dois líderes, Ronaldo Caiado decidiu concentrar parcela maior da agenda final em Goiás, seu reduto histórico, em vez de insistir numa disputa nacional que já não parece alcançável antes do primeiro turno. Aliados recomendam que o candidato dedique as duas últimas semanas de campanha a reforçar as candidaturas de Gracinha Caiado ao Senado e de Daniel Vilela à reeleição para o governo estadual, sem abandonar totalmente compromissos em praças como Rio de Janeiro e São Paulo, mas com prioridade clara para o palco doméstico.

Um dos motivos para essa guinada é o monitoramento, pela própria campanha, do avanço de Wilder Moraes, do PL, na disputa estadual goiana, o que sugere que a presença de Caiado em atos locais tem como função defender toda a chapa governista contra uma ofensiva do mesmo partido de Flávio Bolsonaro em nível estadual. A lógica é a de transformar uma candidatura presidencial sem viabilidade imediata de vitória em instrumento de proteção de um projeto político estadual consolidado ao longo de anos à frente do governo de Goiás.

Nacionalmente, a estratégia de Caiado seguiu apostando num plano de governo apresentado em blocos temáticos como forma de crescer nas pesquisas, mas o próprio esgotamento desse recurso, combinado à polarização crescente entre Lula e Flávio, empurrou a campanha para um cálculo mais defensivo do que ofensivo na reta final. Em vez de brigar por um espaço que as pesquisas mostram cada vez mais estreito, Caiado usa os últimos dias para garantir que sua base eleitoral em Goiás permaneça sólida, um objetivo mais realista do que qualquer tentativa de disputar o segundo turno.

Cury tenta transformar fenômeno digital em votos físicos



Augusto Cury, candidato à Presidência da República (Foto: Renato Pizzutto/Band)

Augusto Cury chega à reta final como o fenômeno mais inesperado da campanha, tendo ultrapassado 10 milhões de seguidores no Instagram depois de ganhar cerca de dois milhões em apenas dois dias após o debate da Band, em 23 de agosto, um crescimento que a própria campanha atribui à circulação orgânica de vídeos de apoiadores, e não à contratação de influenciadores, com investimento declarado de apenas R\$ 20 mil em impulsionamento digital. Posicionado como "agente da despolarização" entre Flávio à direita e Lula à esquerda, sob o slogan de "mente capitalista e coração social", Cury usa as redes como compensação direta aos 35 segundos que recebe no horário eleitoral obrigatório.

O desafio da reta final para essa candidatura é converter engajamento digital em intenção de voto mensurável nas urnas, um salto que nem sempre acontece na mesma proporção. Em algumas das pesquisas mais recentes, Cury apareceu entre 5% e 8% no primeiro turno, à frente de Caiado e Renan Santos, mas ainda distante de uma disputa real pelo segundo turno, o que faz de cada ponto percentual adicional nos próximos dias um indicador relevante de até onde o fenômeno das redes consegue avançar quando confrontado com o peso histórico dos dois grandes campos políticos.

A força digital de Cury também o torna um fator relevante para o desenho do segundo turno, já que uma fatia maior de votos capturados por ele tende a sair proporcionalmente mais de eleitores indecisos ou insatisfeitos com a polarização do que de bases consolidadas de Lula ou Flávio, o que pode tanto ampliar quanto reduzir a margem entre os dois líderes dependendo de como esse eleitorado se comporta no primeiro turno. Sem estrutura partidária tradicional equivalente à de PT e PL, a campanha aposta os últimos dias em manter viva a visibilidade nas redes como principal, senão único, mecanismo de conversão de atenção em voto.

Renan Santos fecha a turnê de ônibus pelo país e transforma exclusão do debate da Globo em ato de protesto



Renan Santos, candidato à Presidência da República (Foto: Reprodução)

O "Futuro Glorioso Tour", caravana de dois ônibus que percorre 37 cidades em sete estados entre 16 e 30 de setembro, com estrutura própria de produção de conteúdo para alimentar as redes durante os deslocamentos, define a reta final da candidatura de Renan Santos. Pela rota mais recente, o candidato passou por Chapecó, Criciúma, Florianópolis, Balneário Camboriú e Blumenau, no oeste e no litoral catarinense.

No domingo, 27 de setembro, às 16h, a caravana chega a Salvador para ato em frente à Reitoria da Universidade Federal da Bahia, no Canela, região central da capital baiana, exatamente uma semana antes da votação de 4 de outubro. A escolha da Bahia mantém a lógica da turnê de tentar somar apoiadores fora do eixo Rio e São Paulo, onde Lula e Flávio já concentram a maior parte da atenção midiática e dos recursos de campanha.

Na mesma semana, a Globo confirmou que o debate marcado para 1º de outubro reunirá apenas Lula, Flávio Bolsonaro, Ronaldo Caiado e Augusto Cury, com base em critérios do TSE que exigem bancada mínima de parlamentares eleitos para participação obrigatória. Excluído da lista, Renan Santos chamou a decisão de "desconvite" e anunciou que vai transformar um ato que já tinha planejado no Rio de Janeiro em protesto em frente à sede da emissora, dizendo que "nossa voz precisa ser ouvida". O candi-

dato também aproveitou o episódio para intensificar críticas a Lula e a Flávio, associando ambos aos casos do Banco Master e do INSS e reforçando o discurso de que estaria sendo alvo de um tratamento desigual por parte das instituições.

A candidatura segue financiada quase inteiramente por vaquinha virtual, depois de o partido Missão ter decidido direcionar os cerca de R\$ 3 milhões do Fundo Eleitoral a candidaturas a deputado federal, prioridade declarada para tentar superar a cláusula de barreira e consolidar presença parlamentar. Com arrecadação muito inferior à de PT e PL e tempo de TV proporcionalmente pequeno, a aposta declarada da coordenação é a de que uma campanha de rua "de verdade", com presença física em dezenas de cidades, compensa parcialmente a desvantagem de recursos e de exposição na mídia tradicional.

Nas pesquisas mais recentes, Renan Santos aparece na casa de 3% a 4,6% no primeiro turno, à frente de Caiado, mas sem qualquer viabilidade de segundo turno. Os últimos dias antes de 4 de outubro combinam, assim, o fechamento da turnê de ônibus, o ato simbólico em Salvador e o protesto contra a própria exclusão do debate final da Globo, um roteiro que prioriza visibilidade e narrativa de vítima institucional sobre qualquer expectativa realista de virada nas urnas.

Zema aposta na régua digital para tentar reverter estagnação nas pesquisas na semana final



Romeu Zema, candidato à Presidência da República (Foto: Manoella Mello/TV Globo)

Romeu Zema chega à última semana antes da votação de 4 de outubro na mesma posição em que vem se mantendo desde o início da campanha, com intenção de voto marginal, de acordo com as últimas pesquisas, e sem sinais de crescimento consistente que justifiquem a permanência na corrida presidencial aos olhos de parte dos membros da própria legenda. Nos últimos dias, o candidato do Novo cumpriu agenda em Belo Horizonte, com uma passagem pela tradicional Feira Hippie, onde recebeu reação dividida do público, entre cumprimentos de apoiadores e manifestações contrárias, incluindo gritos de apoio a Lula. Na ocasião, reforçou o discurso de que "a campanha só acaba quando as urnas são abertas", citando a virada nas pesquisas que o levou ao governo de Minas Gerais em 2018 como argumento para não abandonar a disputa.

A semana que passou também expôs o desconforto interno no Novo com a ausência de Zema no debate da Band, em 23 de agosto. A campanha justificou a decisão afirmando que a mudança de data do evento havia sido aceita sob a expectativa de que Lula participaria, e que a confirmação da ausência do presidente esvaziou o sentido do debate. Internamente, porém, lideranças do partido classificaram a decisão como um erro estratégico grave, já que os vídeos do debate ultrapassaram 4,5 milhões de visualizações no YouTube em menos de 24 horas, audiência que Zema abriu mão de disputar. Parlamentares do Novo já defendem reservadamente, ainda que sem apoio da cúpula do partido, que o candidato reavalie a permanência na corrida diante do ritmo considerado apagado da campanha e da ausência de tempo de televisão e rádio no horário eleitoral.

O sinal mais concreto de erosão em torno da candidatura, no entanto, veio de dentro do próprio partido. Zema autorizou correligionários a declararem apoio a Flávio Bolsonaro ainda no primeiro turno,

e ao menos dois nomes do Novo já usaram essa liberação publicamente: Marina Helena, candidata a deputada federal por São Paulo, e Sebastião Coelho, candidato ao Senado pelo Distrito Federal. Marina Helena justificou a movimentação com a necessidade de "tentar se livrar do Lula já, no primeiro turno", citando decisões do STF sobre moderação de redes sociais como pano de fundo da aproximação. O próprio Zema confirmou que apoiará Flávio contra o PT em um eventual segundo turno, resumindo sua posição como "quem estiver contra o PT terá o meu apoio", mas manteve reservas explícitas em relação ao entorno do adversário, afirmando que continuará cobrando e investigando figuras públicas beneficiadas por Daniel Vorcaro, o banqueiro do Master ligado ao avião usado por Flávio.

Para a semana decisiva, Zema segue de fora do debate marcado pela Globo para 1º de outubro, que a emissora restringiu a Lula, Flávio Bolsonaro, Ronaldo Caiado e Augusto Cury, por critério de bancada eleita em 2022. A exclusão repete o padrão que já havia isolado Zema do núcleo de cobertura mais visível da campanha, compensado parcialmente pela participação na sabatina do Jornal Nacional, um dos poucos espaços de exposição nacional garantidos à sua candidatura nesta fase. A agenda presencial segue sem coordenação com Mateus Simões, seu sucessor no governo de Minas Gerais e candidato à reeleição, com quem Zema ainda não realizou nenhum ato de campanha conjunto desde 16 de agosto, o que reforça a leitura de que a candidatura nacional caminha isolada mesmo da própria base política mineira.

A principal aposta de Zema para tentar romper o teto de votos permanece digital. A série satírica "Os Intocáveis", que usa animações geradas por inteligência artificial para atacar ministros do STF, sobretudo Gilmar Mendes e Alexandre de Moraes, segue como o ativo de maior alcance da campanha, com episódios que já somaram centenas de milhares de curtidas e um crescimento acelerado de seguidores nas redes sociais do candidato. Na ausência de tempo de TV, de um palanque estadual articulado, de convite para o debate mais assistido da reta final e, agora, com parte da própria militância migrando abertamente para Flávio, a estratégia de Zema para os últimos dias antes do primeiro turno é concentrar recursos na produção de conteúdo digital voltado à crítica ao STF e ao governo Lula, na expectativa de que a indecisão do eleitorado, que ele mesmo descreve como decidida "na véspera", ainda abra espaço de crescimento nos últimos dias antes de 4 de outubro.

Bolsa Família, bets, canetas emagrecedoras e dívidas compõem o pacote de Lula contra a queda nas pesquisas



Presidente Lula (Foto: Kebec Nogueira/Metrópoles)

Lula reuniu, nos últimos dez dias, quatro medidas de forte apelo popular numa tentativa concentrada de reverter o desgaste registrado nas pesquisas. A primeira foi o reajuste de 15,04% do Bolsa Família, que elevou o piso de R\$ 600 para R\$ 691 e os demais componentes do benefício na mesma proporção, com pagamento a partir de 19 de outubro. O decreto foi contestado no TSE por Renan Santos e por Zé Trovão, mas André Mendonça rejeitou o recurso do deputado por falta de legitimidade, e no STF a AGU obteve de Gilmar Mendes, em decisão monocrática de 18 de setembro, o reconhecimento de que o aumento é mera recomposição inflacionária e não configura expansão de benefícios em ano eleitoral, o que blindou juridicamente a medida na semana seguinte à sua assinatura.

A segunda medida foi o anúncio, em 17 de setembro, da possível intenção de incorporação ao SUS de canetas emagrecedoras à base de semaglutida e liraglutida para pacientes com obesidade grave, hoje vendidas a mais de R\$ 1 mil e que devem cair para a faixa de R\$ 300 a R\$ 400 após a perda de patente da semaglutida no Brasil. O programa segue em fase de teste com 250 pacientes em Porto Alegre, dentro do estudo Real-Bari, sem cronograma definido de expansão nacional.

A terceira frente é a proibição das bets. Lula assinou nesta sexta-feira, 25, a medida provisória que proíbe apostas esportivas online e cassinos digitais no país, com validade inicial de 60 dias prorrogáveis por mais 60 e posterior envio ao Congresso. A MP chega depois de o presidente classificar as apostas como "uma doença" em 14 de setembro, e o texto prevê algum mecanismo de compensação para o se-

tor que já havia pago para se legalizar, sinal de que o governo tenta equilibrar o apelo popular da proibição com o risco de litígio das empresas afetadas.

A quarta medida, anunciada na mesma sexta-feira, é um programa para o Tesouro comprar dívidas antigas de famílias que os próprios bancos consideram irrecuperáveis, com deságio que pode superar 95% do valor original, mediante leilão em que os credores ofertam os créditos podres ao governo. O impacto fiscal estimado é inferior a R\$ 10 bilhões, e a proposta ainda passa por avaliações jurídicas e fiscais, mas a intenção declarada é devolver capacidade de consumo a famílias endividadadas, o mesmo público que pesquisas internas do governo identificaram migrando para Flávio Bolsonaro.

As quatro medidas seguem uma lógica única, transferir renda, perdoar dívida e proibir um vício socialmente associado ao empobrecimento, num pacote que resgata a tradição social e moralizadora do PT justamente na semana em que as pesquisas mostram a disputa mais apertada do ano. O risco político é que a concentração de anúncios na reta final torne cada medida mais legível como resposta eleitoral do que como política pública amadurecida, argumento que a oposição já repete e que a própria disputa judicial em torno do decreto do Bolsa Família ajudou a manter em evidência por mais de uma semana antes de a validação de Gilmar Mendes encerrar o principal risco jurídico do pacote.



TENDÊNCIA: Lula ter recuperação de votos nas categorias afetadas pelas medidas.

Vorcaro, Lulinha, Walfrido Warde e o avião de Flávio expõem os riscos eleitorais que os casos ainda podem trazer



Presidente Lula e Walfrido Warde (Foto: Reprodução)

O nome de Daniel Vorcaro, ex-controlador do Banco Master, tornou-se o principal obstáculo da narrativa positiva que tentam cavar simultaneamente os dois principais candidatos nesta reta final. Mensagens obtidas pela Polícia Federal mostram Walfrido Warde, ex-advogado de Vorcaro, relatando ao ex-banqueiro que esteve com Lula e que o presidente teria agradecido pelo presente de uma garrafa de uísque e mandado um abraço, numa conversa de janeiro de 2025. O Planalto nega que Lula tenha recebido o presente e afirma que o único encontro entre o presidente e Vorcaro ocorreu em 4 de dezembro de 2024, mas o episódio já rendeu a Flávio Bolsonaro uma notícia-crime pedindo a investigação de Lula por corrupção passiva.

Paralelamente, o filho do presidente, Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, segue sob apuração da Polícia Federal na operação batizada de "Elli", que investiga suspeita de tráfico de influência ligada a uma tentativa de venda de canabidiol ao Ministério da Saúde por mais de R\$ 600 milhões, com a PGR pedindo que o caso saia do STF e vá para a primeira instância. O acúmulo de frentes envolvendo pessoas do entorno mais próximo de Lula, seu advogado informal via Warde e seu próprio filho, alimenta o discurso da oposição de que existiria um núcleo de influência organizado ao redor da Presidência, ainda que nenhuma das apurações tenha resultado em denúncia formal até o momento.

Do outro lado, Flávio Bolsonaro enfrenta desgaste semelhante por causa de um voo de 19 de janeiro de 2025, quando viajou com a mulher, as duas filhas e o advogado e empresário Willer Tomaz num jato Legacy 650 de prefixo PP-NLR, ligado à empresa Prime You, na qual Vorcaro tinha participação. A mesma aeronave transportou o ministro Alexandre de Moraes e a esposa em agosto de 2025, o que tornou o episódio criou embate de conteúdo simbólico entre as campanhas ao compararem o caso das mensagens entre Warde e Lula, ambos os lados usando ou sendo associados a bens ligados ao mesmo ex-banqueiro sob investigação.

O deputado Rogério Correia, do PT, protocolou em 24 de setembro pedido no STF para que a Polícia Federal esclareça quem requisitou e pagou o voo de Flávio, as condições de disponibilização da aeronave e, principalmente, se há relação entre a viagem e o financiamento do filme "Dark Horse", sobre Jair Bolsonaro, já que o trajeto ocorreu um dia antes do vencimento da primeira parcela de US\$ 2 milhões do financiamento do longa. Flávio minimizou o episódio, dizendo acreditar que o avião pertencia a Willer Tomaz e que passageiros eram apenas convidados em voos disponíveis, sem custo ou contrapartida.

O padrão que emerge da semana é o de uma crise que já não distingue claramente vítima e beneficiário. Tanto o entorno de Lula quanto o de Flávio aparecem conectados, por vias distintas, à órbita de Vorcaro, e cada campanha tenta transformar a exposição do adversário em vantagem própria sem conseguir se blindar totalmente da própria exposição. A nove dias da votação, o efeito líquido dessas revelações tende a ser menos a definição de um vencedor moral e mais um desgaste cruzado que empurra parte do eleitorado indeciso para os candidatos de fora da polarização, o que ajuda a explicar por que Cury, Caiado e Renan Santos seguem relevantes nas pesquisas mesmo sem força para vencer.



TENDÊNCIA: O tema principal das eleições continuará sendo o desdobramento da teia de relações de Vorcaro. Diante da toxicidade do escândalo do Master, a tendência é diariamente haver notícias e desdobramentos disso.

Decisões do TSE mexem no tabuleiro eleitoral a dez dias da votação

A dez dias do primeiro turno, o Tribunal Superior Eleitoral segue produzindo decisões capazes de reconfigurar disputas estaduais inteiras, não apenas a corrida presidencial. O caso mais emblemático é o de José Roberto Arruda no Distrito Federal. O TSE manteve, por 5 votos a 2, a inelegibilidade do candidato do PSD ao governo do DF, com base em condenações colegiadas por improbidade administrativa ligadas à Operação Caixa de Pandora, por dano ao erário e enriquecimento ilícito. O relator, Dias Toffoli, entendeu que mesmo a Lei Complementar 219/2025, que Arruda tentou usar para reverter os efeitos da condenação, não era suficiente para afastar a inelegibilidade. Votaram de forma divergente apenas os ministros Floriano de Azevedo Marques e Estela Aranha. A defesa pretende recorrer ao STF, mas Arruda já alertou aos eleitores para não votarem nele. Quem deve se beneficiar da decisão é a atual governadora Celina Leão (PP). As sondagens internas de institutos diversos captavam um fluxo majoritário de votos de Arruda para Celina. Outro que deve receber votos significativos é o candidato do PT, Leandro Grass, que marcava segundo lugar na tendência de migração dos votos. O compilado de pesquisas aponta favoritismo dos dois para disputar o segundo turno.

Na disputa presidencial, o TSE já havia negado, por unanimidade, em 12 de setembro, o registro de candidatura de Pablo Marçal. A relatora Estela Aranha fundamentou o indeferimento numa condenação de 2024, por promover concursos de cortes de vídeo com prêmios para ampliar a divulgação de conteúdo eleitoral na campanha municipal de São Paulo, o que suspendeu os direitos políticos do influenciador até 2032 pela Lei da Ficha Limpa, somada à falta de comprovação de filiação ao PRTB dentro do prazo legal de abril. A defesa de Marçal também estuda recurso ao STF, mas a unanimidade da decisão reduz drasticamente as chances de reversão a tempo de a candidatura aparecer nas urnas de 4 de outubro.

Outro caso ainda em aberto, e potencialmente decisivo, é o de Dr. Furlan no Amapá. Líder nas pesquisas para o governo do estado, o candidato do PSD e ex-prefeito de Macapá teve a candidatura questionada sob a alegação de que renunciou à prefeitura não apenas para concorrer ao Executivo estadual, mas para escapar de um processo de cassação de mandato que se abriria na Câmara Municipal depois de uma representação protocolada contra ele. Toffoli votou pelo indeferimento, mas André Mendonça pediu vista em 24 de setembro e suspendeu o julgamento, sem data marcada para retomada. O caso deixa o favorito nas pesquisas amapaenses em situação jurídica indefinida faltando pouco mais de uma semana para a votação, um risco real de repetição do que aconteceu com Arruda no DF, mas sem tempo hábil para o eleitorado se reorganizar em torno de um nome alternativo caso a candidatura caia de última hora.

O TSE também vem balizando o que pode ou não aparecer no material de campanha de aliados de nomes inelegíveis. Em 16 de setembro, a ministra Estela Aranha concedeu liminar determinando a suspensão do uso da imagem de Jair Bolsonaro em material impresso de campanha sempre que a apresentação sugerir apoio político eleitoral, decisão que decorre da suspensão de direitos políticos do ex-presidente pela condenação na Ação Penal 2.668 do STF. A jurisprudência já produziu efeito concreto em Goiás, onde a Justiça Eleitoral mandou Wilder Moraes, candidato do PL ao governo do estado, retirar em 48 horas banners espalhados por Goiânia que traziam sua imagem ao lado de Jair e Flávio Bolsonaro, sob risco de novas sanções e encaminhamento ao Ministério Público Eleitoral.

Os outros dois nomes de maior repercussão nacional tiveram desfechos diferentes do que vinha circulando. O TRE-RJ indeferiu por unanimidade, em 11 de setembro, o registro de Anthony Garotinho ao governo do Rio, por suspensão de direitos políticos decorrente de condenação por improbidade, numa disputa sobre a contagem do prazo de suspensão entre a defesa e o Ministério Público Eleitoral. Garotinho manteve a campanha e apresentou embargos, com julgamento previsto para 29 de setembro, mas acabou desistindo da candidatura em 25 de setembro, sem declarar apoio imediato a nenhum outro concorrente ao Palácio Guanabara. Já Eduardo Cunha não disputa o governo de nenhum estado, mas uma vaga a deputado federal por Minas Gerais, e segue inelegível até 1º de fevereiro de 2027, prazo que o TRE-MG calcula a partir do fim da legislatura em que teve o mandato cassado por quebra de decoro, em 2016, e não a partir da própria cassação. O tribunal mineiro também declarou inconstitucional a Lei Complementar 219/2025 no caso, a mesma norma que Arruda tentou usar no DF, e rejeitou por unanimidade os embargos de Cunha em 15 de setembro, que agora recorre ao TSE.

O que conecta esses casos não é apenas o volume de candidaturas barradas, mais de 1,1 mil das quase 20 mil analisadas em 2026, com 803 ainda sujeitas a recurso e 368 com indeferimento definitivo. É o fato de o TSE estar, nesta eleição, fechando de forma sistemática a mesma brecha jurídica em processos diferentes, a tentativa de usar a Lei Complementar 219/2025 para encurtar prazos de inelegibilidade, rejeitada tanto no caso Arruda quanto no de Cunha, e aplicando o mesmo raciocínio sobre renúncia estratégica a cargo público que agora ameaça também Dr. Furlan no Amapá. Enquanto o DF já reorganizou a disputa em torno de Celina Leão e Grass e o Rio segue sem um nome definido para herdar o espaço de Garotinho, o Amapá é o caso que resta em aberto, com o líder das pesquisas sob risco real de sair da disputa a menos de dez dias da votação e sem que o tribunal tenha sequer sinalizado quando vai retomar o julgamento.

Debate esvaziado vira regra na campanha de 2026, e Globo tenta salvar o único confronto real antes da votação



Bancada de debate da Globo (Foto: Divulgação/ TV Globo)

A série de debates presidenciais de 2026 tem sido marcada pela ausência sistemática dos dois candidatos na liderança das pesquisas. Lula e Flávio Bolsonaro faltaram a todos os encontros promovidos até agora, e o resultado é um calendário eleitoral esvaziado justamente nos confrontos que deveriam ser decisivos para o eleitor indeciso. A estratégia de ambos é evitar exposição a ataques diretos, sobretudo sobre temas sensíveis a cada campanha, como as investigações que envolvem Fábio Luís, o Lulinha, no caso de Lula, e a questão do financiamento do filme Dark Horse por Flávio, com Daniel Vercaro e o Banco Master.

O primeiro teste do calendário foi o debate da Band, em 23 de agosto. Apenas Ronaldo Caiado, Renan Santos e Augusto Cury compareceram, e o evento foi tratado pela imprensa como um fiasco. Os três candidatos presentes concentraram boa parte de suas falas em criticar os ausentes, e temas como segurança, educação e corrupção foram discutidos, mas sem grande relevância de conversão de votos.

O segundo movimento veio em setembro, quando o pool formado por SBT, RedeTV!, CNN Brasil e outros veículos, reunidos sob a marca "O Momento da Decisão", cancelou o debate marcado para 14 de setembro. As emissoras haviam fixado 7 de setembro como prazo para confirmação de presença, e diante do silêncio de Lula e Flávio optaram por suspender o evento, mesmo com a confirmação prévia de Caiado, Cury, Renan Santos e Romeu Zema. O pool reafirmou publicamente a defesa dos debates como instrumento democrático, mas reconheceu que sem os dois líderes de pesquisa o formato perdia sentido.

A Record seguiu o mesmo caminho poucos dias

depois. O debate estava marcado para domingo, 27 de setembro, e foi cancelado pela emissora diante da recusa formal de Lula e Flávio em participar. A Record justificou a decisão afirmando que um debate a poucos dias do primeiro turno precisa confrontar as principais propostas em disputa, o que não seria possível sem os candidatos que concentram a maior parte das intenções de voto. A emissora já sinalizou que fará um novo debate em 11 de outubro, caso a eleição vá para o segundo turno, quando a presença dos dois finalistas deve se tornar inevitável.

Resta agora o debate da Globo, marcado para 1º de outubro, na reta final antes da votação. A emissora convidou apenas quatro candidatos, Lula, Flávio Bolsonaro, Ronaldo Caiado e Augusto Cury, com base no critério legal que exige bancada eleita de cinco ou mais parlamentares em 2022 para a participação obrigatória. Renan Santos ficou de fora por não atender a esse critério, apesar de ter participado do debate da Band ao lado de Caiado e Cury, e reagiu transformando um ato que faria no Rio de Janeiro em um protesto em frente à sede da Globo. A emissora sinalizou que pode convocar substitutos caso algum convidado confirme ausência, mas até o momento nem Lula nem Flávio confirmaram presença, com o entorno de Flávio afirmando que a decisão depende da confirmação de Lula.

Renan afirma que foi desconvidado, pois Lula teria exigido sua ausência como condição para cogitar ir. Flávio também evita Renan, pelo perfil afrontoso do candidato. A questão agora é saber se os principais cotados de fato irão debater com os demais convidados desta vez.

Datafolha mostra Lula à frente na pesquisa mais recente

A pesquisa Datafolha mais atual, com coleta entre 22 e 23 de setembro, 2.002 entrevistados e margem de erro de dois pontos percentuais,, aponta Lula com 40% no primeiro turno contra 36% de Flávio Bolsonaro, seguidos por Augusto Cury com 5%, Ronaldo Caiado com 4% e Renan Santos com 3%, com os demais nomes, brancos, nulos e indecisos somando 12%. No segundo turno simulado, Lula tem 47% contra 45% de Flávio, diferença de dois pontos que fica na borda da margem de erro.

O instituto testou ainda outros confrontos de segundo turno, todos com vitória mais folgada de Lula, 46% a 44% contra Caiado, 46% a 43% contra Cury, 48% a 39% contra Romeu Zema e 48% a 39% contra Renan Santos. O padrão confirma que apenas Flávio consegue hoje montar um cenário competitivo contra o presidente, enquanto os demais nomes do campo de centro e direita permanecem distantes de uma disputa real de segundo turno.

A diferença de dois pontos a favor de Lula soma-se a uma sequência de edições recentes do Datafolha em que o presidente aparece sistematicamente à frente, ainda que por margens estreitas, o que contrasta com o comportamento de outros institutos na mesma janela de tempo, caso da Quaest, que segue mostrando Flávio à frente.

No primeiro turno, a soma de Cury, Caiado, Renan Santos e da fatia de indecisos e brancos, doze pontos percentuais, ainda é grande o suficiente para influenciar o resultado final, especialmente se parte desses votos migrar de forma desigual entre Lula e Flávio na reta final. Com sete dias até a votação de 4 de outubro, a vantagem registrada pelo Datafolha é real, mas pequena demais para qualquer campanha tratá-la como resolvida, o que ajuda a explicar por que tanto o Planalto quanto o entorno de Flávio concentram esforços máximos na semana final em vez de administrar uma vantagem.

AtlasIntel mostra 2T no empate técnico mais apertado da série

A AtlasIntel divulgou, com coleta entre 17 e 22 de setembro, a maior amostra entre os institutos que pesquisam a corrida presidencial, 5.015 entrevistados, com margem de erro de apenas um ponto percentual. Em votos válidos, o primeiro turno aponta Lula com 46,3% contra 43,9% de Flávio Bolsonaro, seguidos por Renan Santos com 4,6%, Augusto Cury com 2,1%, Ronaldo Caiado com 1,4% e Romeu Zema com 0,9%.

No segundo turno, a distância cai para o limite técnico do empate, Lula com 50,2% contra 49,8% de Flávio em votos válidos, a menor diferença registrada por qualquer instituto na série de 2026. Como a margem de erro é de um ponto percentual, o resultado é estatisticamente indistinguível de um empate exato, o que faz da AtlasIntel a pesquisa que retrata a disputa mais equilibrada entre os principais institutos.

Nos demais cenários de segundo turno, porém, Lula vence com folga qualquer outro adversário, 53% a 47% contra Zema, 51,5% a 48,5% contra Caiado, 54% a 46% contra Cury e 59,8% a 40,2% contra Renan Santos, o que reforça o diagnóstico de uma corrida binária entre Lula e Flávio, com os candidatos de centro e direita tradicional sem força para ameaçar isoladamente a liderança do presidente.

A comparação com a edição anterior da própria AtlasIntel, coletada entre 11 e 16 de setembro, mostra uma inversão relevante, naquela ocasião Flávio aparecia nominalmente à frente, 47,2% a 46,8% em votos totais, enquanto a edição mais recente devolve a vantagem nominal a Lula. A mudança em uma semana, ainda que dentro da margem de erro nas duas pontas, sugere que o instituto captou algum efeito favorável ao governo no período que inclui o reajuste do Bolsa Família, o anúncio das canetas emagrecedoras e a validação da legalidade do decreto por Gilmar Mendes.

Quaest mostra Flávio à frente no segundo turno



Lula e Flávio Bolsonaro (Foto: Montagem/g1)

Apesquisa Genial/Quaest mais recente, com coleta entre 17 e 20 de setembro, 2.004 entrevistados e margem de erro de dois pontos percentuais, mostra Lula com 37% no primeiro turno contra 33% de Flávio Bolsonaro, seguidos por Augusto Cury com 6%, Ronaldo Caiado com 4% e Renan Santos com 3%, com 7% de brancos, nulos ou abstenção declarada e 8% de indecisos.

No segundo turno, a Quaest é a única entre as três pesquisas mais recentes a mostrar Flávio numericamente à frente, com 42% contra 41% de Lula. A diferença de apenas um ponto está integralmente dentro da margem de erro, o que caracteriza empate técnico, mas o dado chama atenção por já ser a terceira edição seguida do instituto em que o candidato do PL aparece à frente ou empatado no topo, um padrão que não se repete nem no Datafolha nem na AtlasIntel da mesma semana.

Chama atenção também o tamanho da parcela de brancos, nulos e indecisos no segundo turno da Quaest, 14% mais 3%, somando 17%, a maior fatia de eleitorado não definido entre as três pesquisas mais recentes. Isso sugere que o instituto está captando um público mais desconfiado ou menos engajado com os dois nomes principais, o que torna o resul-

tado final mais sensível ao comportamento desses eleitores na reta final do que o retrato imediato de 42% a 41% indica.

A divergência persistente da Quaest em relação aos outros dois institutos não é, por si só, evidência de erro metodológico, já que house effects, vieses estatísticos consistentes de cada instituto, são um fenômeno conhecido e documentado em qualquer mercado de pesquisas eleitorais maduro. O que o padrão mostra é que qualquer leitura da corrida presidencial que se baseie num único instituto corre o risco de superestimar a vantagem de um lado ou de outro, e que o quadro mais honesto hoje é o de um empate técnico real, com institutos diferentes apontando para líderes nominais diferentes dentro da margem de erro.

Nos sete dias finais de campanha, esse cenário de indefinição estatística tende a intensificar o esforço de mobilização de ambos os lados, já que nenhuma das três pesquisas mais recentes permite a qualquer campanha tratar o resultado como encaminhado, o que também ajuda a explicar a sequência de anúncios de política pública que o governo lançou na mesma janela em que essas pesquisas foram coletadas.



Em destaque no Ranking

● **AGREGADOR DE PESQUISAS DO RANKING MOSTRA TENDÊNCIA GLOBAL DOS INSTITUTOS**
O **Ranking dos Políticos** lançou o Agregador de Pesquisas para presidente, ferramenta que reúne as pesquisas nacionais registradas no TSE em 2026. A partir dos dados, a organização calcula uma média ponderada por instituto e mostra onde está a disputa entre Lula (PT) e Flávio Bolsonaro (PL), tanto no 1º quanto no 2º turno. [Confira o agregador completo aqui.](#)

● **RANKING DOS POLÍTICOS TEM ARTIGOS PUBLICADO NA MÍDIA**

O **Ranking dos Políticos** teve artigos publicados nesta semana na Gazeta do Povo e no Poder360. O primeiro discute o uso da máquina pública por presidentes candidatos à reeleição, comparando o tratamento dado pelo TSE ao caso de Jair Bolsonaro em 2022, quando o tribunal proibiu lives eleitorais nos Palácios da Alvorada e do Planalto, com a live realizada por Lula no Alvorada em 2026. O texto também aborda o volume recorde de emendas parlamentares pagas pelo governo em maio, de R\$ 16,1 bilhões, com pagamentos concentrados em datas próximas a votações importantes no Congresso. Já o segundo artigo analisa decisões recentes do governo Lula tomadas sem estudos prévios de custo e impacto, como o reajuste do Bolsa Família, a distribuição de canetas emagrecedoras e a possível restrição às bets, apontando os riscos fiscais e regulatórios de políticas públicas definidas por critérios eleitorais. [Leia o primeiro artigo aqui.](#) [Leia o segundo artigo aqui.](#)

● **RANKING DOS POLÍTICOS ULTRAPASSA 900 MIL SEGUIDORES NO INSTAGRAM**

O **Ranking dos Políticos** ultrapassou a marca de 900 mil seguidores no Instagram, somando mais de 4 milhões em todas as redes sociais. O propósito da organização é dar poder ao cidadão através da informação, separando os bons dos maus trabalhos no Congresso, combatendo privilégios e mostrando quem realmente vota a favor do Brasil, de forma técnica e independente. Saber que quase um milhão de pessoas acompanham esse trabalho mostra que os brasileiros estão cada vez mais atentos e exigindo transparência. Vamos juntos rumo ao milhão. Muito obrigado a todos pela confiança!

PARLAMENTAR DA SEMANA



Senador Carlos Portinho (PL-RJ)

Carlos Francisco Portinho nasceu em 2 de julho de 1973 no Rio de Janeiro. É advogado, formado pela PUC-RJ, com mestrado em Direito Público pela FGV. Foi assessor parlamentar, redator do projeto que originou a Lei da Ficha Limpa, secretário municipal de Habitação e secretário estadual de Meio Ambiente. Assumiu o Senado em 2020, após o falecimento de Arolde de Oliveira. Foi relator da PEC Emergencial, do Marco Legal das Startups e da Lei da SAF, sendo hoje líder do PL no Senado.

Carlos Portinho recebeu o **Prêmio Excelência Parlamentar** em 2021, 2022, 2023, 2024 e 2025 pelo **Ranking dos Políticos**.



Desde 2011 o Ranking dos Políticos tem como propósito trazer transparência para o desempenho e performance dos representantes no Congresso Nacional, de forma apartidária e independente.

Nosso levantamento leva em consideração os pilares **eficiência da máquina pública, melhoria do ambiente de negócios e combate à corrupção**.

Nossa área de inteligência promove ainda pesquisas e estudos com a finalidade de promover a educação cívica dos brasileiros, como o Radar Político.

Equipe técnica:

Juan Carlos Danylo Shimano
 Luan Sperandio Daniel Galvêas
 Gabriel Jubran Victor Ribeiro

Projeto Gráfico:

Tamyres Meyer

Diagramação:

Giancarlo Mendes

Ajude a garantir a sustentabilidade do maior projeto de melhoria do Congresso Nacional brasileiro.



FAÇA UMA DOAÇÃO!

Associação Voto Real / CNPJ 15.747.906/0001-41
BTG Pactual - Agência 0050 c/c 00489493-6
ranking.org.br/apoie

www.ranking.org.br



contato@ranking.org.br

Setor de Autarquias Sul Q. 4 Bloco A
Edifício Victoria Office Tower, 602
1º andar, Sala 104, Asa Sul, Brasília - DF
CEP: 70070-938

Mantenedores:

